



RDL

REDE BRASILEIRA  
DIREITO E LITERATURA

**(RE)AVALIANDO PAPÉIS DE GÊNERO NA GUERRA A PARTIR  
DO LEGENDARIUM DE TOLKIEN: AGÊNCIA, ESCOLHA  
E RECUSA NAS HISTÓRIAS DE ARWEN UNDÓMIEL  
E ÉOWYN DE ROHAN**

**ROBERT AUGUSTO DE SOUZA<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Papéis de gênero na obra de J. R. R. Tolkien têm sido objeto de intenso debate nos últimos anos, especialmente no que se refere ao espaço supostamente secundário oferecido às figuras femininas no Legendarium. À luz dessas discussões, o presente artigo pretende reavaliar a representação de Arwen Undómiel e Éowyn de Rohan durante a Guerra do Anel, discutindo se as ações dessas personagens fornecem possibilidades de teorização da agência feminina na guerra pela recusa de papéis tradicionais de gênero. Como objetivos específicos, pretendo: a) coletar as perspectivas de Tolkien sobre essas duas mulheres ao longo do Legendarium; e b) identificar personalidades femininas da vida real que participaram de conflitos bélicos e de direitos civis durante o século XX. Em termos metodológicos, o trabalho se ampara numa pesquisa bibliográfica exploratória e na análise documental do Legendarium. Os resultados sugerem que, embora se possa argumentar que figuras femininas (especialmente Arwen) ocupam posições coadjuvantes e relativamente idealizadas nos textos de Tolkien, os atos de recusa dessas personagens efetivamente contestam paradigmas de gênero, problematizam significados tradicionais do lugar da mulher no contexto da guerra e fornecem percepções relevantes sobre a desestabilização do dispositivo sexual na literatura, no Direito e na sociedade como um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tolkien; *O Senhor dos Anéis*; gênero; agência; guerra.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direito pela Universidade de São Paulo (FDRP/USP). Pós-graduando em Direito Administrativo, Governança e Gestão Pública pelo Centro Universitário FAMETRO e em Direito Constitucional pela Faculdade Legale. Especialista em Direito e Processo Civil Contemporâneo pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). Bacharel em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais. (UEMG). Ribeirão Preto (SP), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7683-0068>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5141324287004171>. E-mail: [robert.souza@usp.br](mailto:robert.souza@usp.br).

## 1 INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Os escritos de Tolkien, especialmente sua retratação histórica da guerra, geralmente são alvo de críticas devido ao esquecimento imposto às mulheres e à masculinidade prevalecente no Legendarium<sup>3</sup> (Akers-Jordan, 2004; Miller, 2003; Partridge, 1983). Os anais da Primeira Guerra Mundial, assim como a vasta maioria das histórias de Tolkien, estão repletos de contos de personagens masculinos e seus grandes feitos na derrota do mal inominável, enquanto que personagens femininas são inexistentes ou relegadas a uma posição de penumbra, onde podem ser enxergadas como esposas, princesas ou donzelas indefesas.

Contudo, três mulheres em *O Senhor dos Anéis* merecem especial atenção. Galadriel, a líder elfa, guardiã de Nenyá (um dos três Anéis élficos), Senhora de Lothlórien e única membra do Conselho Branco. Arwen Undómiel, filha de Elrond, a estrela vespertina de seu povo, que abdicou de sua imortalidade para se casar com Aragorn. E Éowyn de Rohan, sobrinha do Rei Théoden, da Casa de Eorl, algoz do Rei-bruxo de Angmar, o servo mais forte de Sauron, na Batalha dos Campos de Pelennor.

Essas últimas provocaram a escrita deste artigo. Seguindo os passos de pesquisas jurídicas anteriores sobre gênero e literatura (Atienza, 2018; Bentes, 2016; Nielsson; Castro, 2020; Rosário; Oliveira, 2017), busco entender como as ações de Arwen e Éowyn, embora geralmente tomadas como histórias secundárias em *O Senhor dos Anéis*, oferecem provocações relevantes quanto aos papéis de gênero na guerra e à natureza discursiva do *nomos*. Historicamente, levo em conta que a Primeira Guerra Mundial ocorreu no mesmo período em que Tolkien redigiu sua obra-prima, o que me incitou a procurar por similitudes entre sua escrita e as ocorrências do mundo real.

---

<sup>2</sup> Todos os excertos de obras em idioma estrangeiro citados neste artigo foram livremente traduzidos pelo autor, ressalvados os termos diretamente relacionados ao Legendarium e já traduzidos em versões brasileiras das obras.

<sup>3</sup> Entende-se por Legendarium o vasto conjunto de textos relacionados à história da Terra-Média, dentre os quais se destacam *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

Nesse sentido, discuto como uma interpretação literal do *Legendarium*, por meramente sugerir que as ações de mulheres na Guerra do Anel foram irrelevantes ou secundárias na mente de Tolkien, é de certo modo equivocada, uma vez que essas personagens desempenham funções importantes no enredo. Nas próximas duas seções, recorro ao *Legendarium* para situar Arwen e Éowyn num debate acerca do papel feminino na guerra, refletindo sobre a influência dessas personagens na derrota de Sauron. Com base nisso, abordo sua similaridade com figuras da vida real, tais como Emmeline Pankhurst e Rosa Parks, bem como suas contribuições para o questionamento de papéis de gênero no direito e na sociedade nos dias atuais.

## 2 ARWEN, RECUSA E O PODER DE ESCOLHA

Arwen Undómiel é geralmente retratada como coadjuvante em *O Senhor dos Anéis*, principalmente em razão de sua ausência dos ambientes principais no enredo e de sua interação reduzida com personagens principais, tais como Frodo e Gandalf. De fato, Arwen é geralmente descrita como “aquela que se casou com Aragorn II após a derrota de Sauron”, e mesmo a história de amor entre os dois é omitida dos livros<sup>4</sup>. Além disso, pouco é explicado nos anais da Guerra do Anel sobre ela, que simplesmente aparece como a filha de Elrond, que passou grande parte de sua vida em Lothlórien, casa de Galadriel. Portanto, sua imagem como a Senhora de Valfenda é revelada de maneira etérea, idealizada, à medida que sua voz é raramente ouvida, ou ao menos intermediada pelas manifestações de outrem. Diversos momentos ao longo do *Legendarium* são apropriados para confirmar essa teoria, como os pensamentos de Frodo Bolseiro<sup>5</sup> e a descrição que Arwen recebeu do próprio Tolkien<sup>6</sup>. Nesse contexto, vários trabalhos relativos aos papéis

---

<sup>4</sup> Um detalhamento da história de Arwen e Aragorn está ausente do enredo principal, a despeito da breve narração realizada no Apêndice A de *O Senhor dos Anéis*.

<sup>5</sup> Uma das primeiras aparições de Arwen na história da Guerra do Anel é narrada pelos olhos de Frodo, enquanto que não se ouve qualquer palavra de Arwen: “Frodo viu aquela que poucos mortais já haviam visto; Arwen, filha de Elrond, em que se dizia que a imagem de Lúthien havia retornado à Terra novamente; e era chamada Undómiel, porque era a Estrela Vespertina de seu povo.” (Tolkien, 2004, p. 227).

<sup>6</sup> Embora tenham sido editados doze volumes na coleção *A História da Terra-Média*, pouco deles é dedicado a discutir Arwen Undómiel. Um dos raros trechos sobre ela diz:

femininos na obra de Tolkien são críticos à figura de Arwen. Primeiro, por causa da presença mínima de mulheres na história, visto que a narrativa da Guerra apenas retrata Arwen, Éowyn e Galadriel como figuras femininas<sup>7</sup>. Segundo, em razão de sua alegada participação não essencial nos resultados da guerra, haja vista que os eventos principais em *O Senhor dos Anéis* orbitam histórias conduzidas por personagens masculinos (a jornada de Aragorn para retomar o trono de Gondor, a saga de Frodo para a Montanha da Perdição e, ainda que discutivelmente secundária, a transição de Gandalf da capa cinzenta para o manto branco).

À vista disso, diversos autores criticam a representação feminina nos escritos de Tolkien, tanto em números como em importância, destacando sua opacidade em relação a seus pares masculinos, visto que as mulheres não seriam nem mesmo reconhecidas como seus equivalentes. Melanie Rawls (1984), por exemplo, afirma que nenhum personagem feminino é crucial para o enredo. E no que se refere à retratação de Arwen, a autora sugere que sua aparição no *Legendarium* se assemelha a um “sonho meio-vislumbrado”.

Entretanto, adoto uma abordagem diferente. Muito embora Arwen pouco apareça em *O Senhor dos Anéis*, sua existência e memória, usualmente retratadas como a luz de Eärendil<sup>8</sup>, trazem luz aos momentos mais obscuros da história, tais como a chegada de Aragorn e dos Homens Mortos de Dunharrow à Batalha dos Campos de Pelennor. Àquela altura, seu estandarte foi um sinal da vitória que Gondor e Rohan alcançariam naquele dia:

Sobre o navio principal um grande estandarte irrompeu, e o vento o descortinou enquanto virava em direção a Harlond. Nele florescia uma Árvore Branca, representando Gondor; mas Sete Estrelas estavam ao redor dela, encimada por uma alta coroa, os símbolos

---

[...] a mais bela de todas as donzelas da Terceira Era, em quem a imagem de Lúthien, sua antepassada, retornou à Terra-Média.” (Tolkien, 1994, p. 234).

<sup>7</sup> Alguns autores consideram Laracna como uma figura feminina proeminente no *Legendarium*. Considerando o escopo deste artigo, elegi não abordar essa interpretação, especialmente porque o aparecimento de Laracna na Guerra do Anel não está apoiado em seu gênero, mas (simplesmente) em seu confronto com os hobbits em Cirith Ungol.

<sup>8</sup> A luz de Eärendil, encerrada no frasco dado a Frodo por Galadriel por ocasião da partida da Sociedade do Anel de Lothlórien, é definida como capaz de capturar a luz irradiada pelas duas árvores de Valinor antes de sua destruição por Melkor e Ungoliant. O poder contido no frasco diminuiu a influência do Um Anel sobre Frodo ao longo de sua jornada para a Montanha da Perdição e salvou Frodo e Samwise Gamgee em seu encontro com Laracna após a subida das escadarias de Cirith Ungol.

de Elendil que nenhum senhor havia brandido durante incontáveis anos. E as estrelas flamejavam à luz do sol, porque foram esculpidas de jóias por Arwen, filha de Elrond; e a coroa brilhou pela manhã, porque foi forjada de mithril e ouro (Tolkien, 2004, p. 847).

À primeira vista, a contribuição mais perceptível e destacada de Arwen para a Guerra do Anel seria o fortalecimento da resiliência, isto é, o poder transmitido por ela aos homens para que permanecessem firmes e lutassem por suas vidas, suas famílias e suas crenças, o que representa a presença do amor e do cuidado no limiar da batalha, quando toda a esperança parecia perdida ou esquecida<sup>9</sup>. Como se pode lembrar, a bandeira de Arwen só foi avistada num momento crítico da batalha por Gondor, quando as forças de Sauron quase superaram o poder dos Homens. A vista do estandarte foi o primeiro vaticínio do retorno do Rei, do triunfo dos Homens e da vitória contra o Inimigo, o que colocaria fim à Guerra do Anel.

Todavia, apesar desse retrato usual (que de fato corrobora a já mencionada crítica ao apagamento e à idealização das figuras femininas na obra de Tolkien), penso que o papel mais importante de Arwen foi desempenhado fora do campo de batalha. Ao escolher não seguir seu povo aos Portos Cinzentos e tomar os últimos navios para as Terras Imortais, mas ficar na Terra-Média e viver uma vida mortal ao lado de Aragorn, Arwen declarou sua “a escolha de Lúthien, e como ela também eu escolhi, tanto o doce como o amargo” (Tolkien, 2004, p. 974).

Sua decisão foi confirmada no ano 3021 da Terceira Era, quando “ela se casou com Aragorn Elessar e fez a escolha de Lúthien”<sup>10</sup> (Tolkien,

<sup>9</sup> O nome de Arwen é também uma enunciação da personagem como um símbolo de esperança, uma vez que “Undómiel” é o termo *Quenya* referente à expressão “estrela vespertina”. Esse simbolismo é reafirmado pela pedra élfica dada por ela a Aragorn e que ele carregou consigo pelo resto de seus dias.

<sup>10</sup> A história de Arwen e Aragorn é geralmente associada com o conto de Beren e Lúthien (Tolkien, 1993, p. 211; Tolkien, 1994, p. 71), tanto por suas similaridades como por seus desfechos. Em seu primeiro encontro, Aragorn confunde Arwen com Lúthien e imediatamente se apaixona por ela. Coincidentemente, Aragorn estava cantando a Balada de Lúthien, que fala do primeiro encontro de Beren e Lúthien na floresta de Neldoreth. Já quanto aos seus destinos, assim como Lúthien retornou a Arda dos Salões de Mandos para viver uma vida mortal ao lado de Beren, Arwen escolheu ficar para trás e se casar com Aragorn ao invés de seguir os elfos para o Oeste. Curiosamente, a escolha de Arwen é mais claramente retratada na adaptação cinematográfica de *O Senhor dos Anéis* por Peter Jackson, ao longo da qual cenas inteiras de diálogos entre Arwen, Aragorn e Elrond são dedicadas à explicação de sua escolha, à representação do sofrimento de Elrond e ao efeito da determinação de Arwen sobre a narrativa de Aragorn.

1994, p. 243). Devido a uma resolução tão dramática, resistência havia de ser esperada<sup>11</sup>. Contudo, o *Legendarium* claramente afirma que, a par da tristeza que infligiu a Elrond, a escolha de Arwen nunca foi questionada ou deslegitimada. Pelo contrário, sua autoridade foi respeitada, e nenhum tipo de coerção foi imposto a ela para que abandonasse seus planos e partisse para as Terras Imortais, o que indicia uma ausência de hierarquia entre masculino e feminino (ao menos entre os elfos, o que se reforça pela figura destacada de Galadriel) e uma equivalência entre os gêneros:

Não há guerra entre os sexos na subcriação de Tolkien. Qualidades femininas e masculinas complementares e mutuamente aumentativas são contrastadas em face de qualidades femininas e masculinas enantiadrômicas e negativas. Feminino e Masculino são diversos - não subordinados ou antagonistas um em relação ao outro. Tolkien mostra como isto se dirige à glória maior de cada um deles (Rawls, 2015, p. 13).

Portanto, e em que pesem as consequências de sua escolha, a resolução de Arwen representa o verdadeiro sentido de ser capaz de eger o próprio destino. Num momento de guerra global, em que a vontade das mulheres seria teoricamente ignorada em favor do veredicto dos homens, ela decidiu recusar um destino planejado por outrem para seguir uma vida eleita por ela mesma.

Nesse sentido, Nancy Enright (2015) propõe uma discussão interessante sobre o poder no *Legendarium*, argumentando que embora as mulheres estejam *menos presentes* na obra, sua presença *nunca é menos importante* que a dos homens. Ao revés, as mulheres exercem poder ao longo da história por confrontarem padrões tradicionais de força masculina e desvelarem uma “crítica ao poder tradicional, masculino e mundano, oferecendo uma alternativa que pode ser resumida como a escolha do amor em detrimento do orgulho, reflexiva da inversão de poder baseada em Cristo, plasmada na Escritura e, no limite, mais poderosa que qualquer dominação pelo uso da força” (Enright, 2015).

Enright também problematiza a crítica dirigida à narrativa do poder formulada por Tolkien. De acordo com a autora, o *Legendarium* desvela

---

<sup>11</sup> Novamente, os filmes explicitamente abordam os esforços de Elrond para dissuadir Arwen de sua resolução em ficar para trás, apenas para fracassar quando ela abandona a caravana dos elfos para os Portos Cinzentos e retorna para Valfenda. Para um estudo mais aprofundado sobre a ambiguidade feminina na obra de Tolkien e em sua representação audiovisual, veja Łaszkiwicz (2016).

uma “inversão de poder”, pela qual *as escolhas dos personagens baseadas no amor* são essenciais para a distribuição de poder no enredo, muito mais do que os meros espólios da guerra. Aqui está a importância de Arwen, já que ela é o principal personagem cujas ações incorporam a escolha do amor em vez da vida, apesar da resistência inicial de Elrond e das consequências que oportunamente viriam.

De fato, a *desobediência* parece ser a maior contribuição de Arwen à luz da visão de Tolkien sobre o bem e o mal. Nesse sentido, Janet Brennan Croft (2010) fornece subsídios interessantes acerca da questão do *livre arbítrio* na Terra-Média, partindo da premissa que a habilidade de alguém em desenhar seu próprio caminho a despeito “dos planos de seu Criador” compreende a maior distinção entre luz e trevas. Acolhendo a perspectiva de Croft, “o livre arbítrio é algo que o lado do mal não pode controlar, entender ou perpetrar. Se o foco do Mal é a dominação, então o livre arbítrio é seu oposto necessário” (Croft, 2010, p. 134).

Croft expande esse ponto de vista ao associar a desobediência à *eucatástrofe*<sup>12</sup>, analisando como certas ações insurrecionais ou inesperadas durante o Legendarium vieram a mudar completamente o curso dos eventos - sendo a misericórdia de Bilbo em favor de Gollum<sup>13</sup> talvez o exemplo mais claro desse fenômeno. A partir desse cenário, como a decisão de Arwen em ficar para trás surtiu efeito sobre a forma pela qual as coisas aconteceram em seu futuro e no desfecho da Guerra do Anel?

Defendo que Arwen *desempenhou um duplo papel na Guerra*, tendo recusado posições esperadas de gênero e família e levou uma vida que ela própria se designou. Além disso, ela serviu como um sinal de esperança e amor para aqueles à sua volta, como visto em sua relação com Aragorn e sua conexão profunda (embora breve) com Frodo. Portanto, interpreto sua demonstração de livre arbítrio como uma “prática de recusa em permanecer, ou em se mover, para o lugar designado a alguém”, e por isso mesmo como uma imagem de agência e poder no Legendarium.

---

<sup>12</sup> Como Tolkien narra em *Sobre Histórias de Fadas* (e explora mais profundamente em *Cartas*), ele criou o neologismo “eucatástrofe” para definir uma mudança brusca de eventos, em que um provável desastre é evitado para concretizar um “final feliz”.

<sup>13</sup> Tal como Croft (2010) pontua, a destruição do Um Anel nas Fendas da Perdição e a consequente derrota de Sauron representam um momento singular de eucatástrofe, uma vez que isso só foi possível porque Bilbo deixou Gollum viver em seu encontro sob a Montanha Solitária muitos anos antes.

Muitas mulheres da vida real se assemelham a Arwen durante a Primeira Guerra Mundial, mas uma delas cuja história se destaca é Emmeline Pankhurst. Mais conhecida por sua posição de liderança no movimento sufragista, Pankhurst foi uma das protagonistas na conquista feminina do direito ao voto na Inglaterra, especialmente depois de fundar o Partido Social e Político das Mulheres (WSPU) em 1913. Amplamente reconhecida como a figura que ajudou a virar a maré no ideário das mulheres àquele tempo, Pankhurst advogou destacadamente pelo sufrágio feminino, navegando pela prisão e pelo confronto militante, muito embora sua contribuição exceda em muito o âmbito político. De fato, suas ações ajudaram a garantir às mulheres o direito de escolher quem seriam e de tomar as rédeas de suas próprias vidas, apesar dos lugares originalmente conferidos a elas pelos homens, tendo em conta que ela resistiu impassível à perseguição governamental e permaneceu firme em seus propósitos.

Talvez as histórias de mulheres como Emmeline Pankhurst tenham fortalecido a determinação de Rosa Parks durante o Boicote dos Ônibus de Montgomery em 1955. Apesar de temporalmente distante da Grande Guerra, esse ato de resistência performatizado por Parks contém o mesmo tipo de poder irradiado por Pankhurst, uma vez que sua *negação categórica do lugar que lhe foi atribuído*, ao se recusar a ceder seu assento a um homem branco no interior daquele ônibus no Alabama, deu margem a uma ampla mobilização no movimento antirracista por direitos civis nos Estados Unidos.

As histórias de Emmeline Pankhurst e Rosa Parks lembram o conto de Arwen uma vez que seus resultados coincidem, muito embora seus meios diverjam. Novamente citando Croft (2010), as histórias originais dessas mulheres, aquelas que estavam “destinadas” a perseguir, as levaram a vidas completamente distintas, mas suas decisões de *desobedecer* redefiniram suas existências e viabilizaram um futuro diverso.

Tal como essas mulheres, o veredicto de Arwen em não embarcar nos navios de Círdan exerce poder no sentido de que possibilita uma narrativa de liberdade e respeito quanto às escolhas das mulheres em relação às suas próprias vidas, a despeito de expectativas patriarcais que elas precisem superar. Em que pese o desfecho inevitável de sua decisão

ser a perda da longevidade dos elfos, Arwen fez a escolha de Lúthien para assegurar uma existência que ela de fato desejou viver, tendo em conta que deixar a Terra Média viria eventualmente a privá-la de amor em troca de uma eternidade solitária.

### 3 DESAFIANDO O CÂNONE: ÉOWYN, GUERRA E O REFLEXO DE VALQUÍRIA

Presumidamente a personagem feminina mais celebrada em *O Senhor dos Anéis*, Éowyn de Rohan é a única mulher a desempenhar um papel direto nos eventos da Guerra do Anel. Quando a esperança parecia perdida nos Campos de Pelennor, especialmente após a queda do Rei Théoden, líder dos Rohirrim, as ações de Éowyn mudaram o curso da guerra e vingaram os soldados caídos que lutaram à sombra das grandes muralhas brancas de Minas Tirith. Apesar de Éowyn ser geralmente retratada como a mulher que se recusou a ficar para trás enquanto os homens que eclipsavam seus desejos e sua existência marchavam para a guerra, sua recusa está presente em diversas passagens do *Legendarium*, não apenas em relação às suas ações nos Campos de Pelennor. Tolkien aborda o medo da personagem em ficar para trás desde debates anteriores sobre sua personalidade, tal como em seu diálogo com Aragorn nos salões de Rohan:

‘Senhor’, disse ela, se precisa ir, então permita que eu o siga. Pois estou cansada de me esconder covardemente nas colinas, e desejo enfrentar o perigo e a batalha.

‘Seu dever está com seu povo’, respondeu ele.

‘Já ouvi demais sobre deveres’, exclamou ela. ‘Mas por acaso não sou da Casa de Eorl, uma escudeira e não uma ama-seca? Já servi a pés vacilantes por muito tempo. Uma vez que eles já não vacilam, ao que parece, não posso eu passar minha vida como desejar?’

‘Poucos podem fazer isso com honra’, respondeu ele. ‘Mas quanto à senhora: não aceitou o encargo de governar seu povo até que o senhor retorne? Se não tivesse sido escolhida, então algum marechal ou capitão teria sido colocado no mesmo lugar, e não poderia fugir da incumbência, estando cansado ou não.’

‘Serei eu sempre a escolhida’, disse ela em tom amargo. ‘Serei sempre deixada para trás quando os Cavaleiros partem, para cuidar da casa enquanto eles ganham fama, e para preparar-lhes cama e comida, esperando seu regresso?’ [...]

‘O que teme, senhora?’, perguntou ele.

‘Uma gaiola’, disse ela. ‘Ficar atrás de grades, até que o hábito e a velhice as aceitem e todas as oportunidades

de realizar grandes feitos estejam além de qualquer lembrança ou desejo’ (Tolkien, 2004, p. 784).

Esse medo, alimentado pelo desejo de Éowyn em se postar ao lado dos Rohirrim como uma guardiã de seu povo (e da raça dos Homens, considerando os interesses em jogo na Guerra do Anel), inspiraram-na a se disfarçar como homem para marchar para os Campos de Pelennor ao lado de Meriadoc Brandebuque e alfim eliminar o Rei-Bruxo de Angmar, o general mais forte de Sauron. Mesmo ao enfrentar um inimigo muito mais poderoso que ela, um inimigo que “nenhum homem vivo” poderia derrotar, Éowyn não recuou, como o confronto entre ambos demonstra:

‘Vá embora, criatura asquerosa, senhor das aves carniceiras! Deixe os mortos em paz!

Uma voz fria respondeu: ‘Não te intrometas entre o Nazgûl e sua presa! Ou ele te matará na tua hora. Vai levar-te embora para as casas de lamentação, além de toda a escuridão, onde tua carne será devorada, e tua mente murcha será desnudada diante do Olho Sem Pálpebra.

Uma espada tiniu ao ser sacada. ‘Faça o que quiser; vou impedi-lo, se conseguir.’

‘Impedir-me? Tu és tolo. Nenhum homem mortal pode me impedir!’

Então Merry ouviu o mais estranho de todos os sons daquela hora. Parecia que Dernhelm estava rindo, e sua voz cristalina era como aço.

‘Mas não sou um homem mortal! Você está olhando para uma mulher. Sou Éowyn, filha de Éomund. Você está se interpondo entre mim e meu senhor, que também é meu parente. Suma daqui, se não for imortal! Pois seja vivo ou morto-vivo obscuro, vou golpeá-lo se tocar nele’ (Tolkien, 2004, p. 841).

Após se manter firme diante do líder dos Nazgûl, Éowyn veio a matá-lo à custa de seu braço, e quase de sua vida, tendo permanecido por um tempo considerável nas Casas de Cura após o fim da batalha.<sup>14</sup>. Entretanto, uma versão anterior dos acontecimentos nos Campos de Pelennor, intitulada *A Queda de Théoden na Batalha de Osgiliath*, dá maior ênfase à bravura de Éowyn ao confrontar o Rei-Bruxo, como se vê:

---

<sup>14</sup> Escritos iniciais de *O Retorno do Rei* sugerem que Tolkien planejou que Éowyn morresse como uma heroína de guerra (Tolkien, 1990, p. 256/359), mas esses planos foram abandonados tempos depois, uma vez que a versão final dos livros levou Éowyn a se casar com Faramir, filho de Denethor, e posteriormente a deixar para trás sua intenção de se tornar uma guerreira.

Ela ficou parada e não se esquivou. ‘Eu não o temo, Sombra,’ ela disse. ‘Nem àquele que lhe devorou. Volte a ele e lhe diga que suas sombras e carniceiros não têm poder nem mesmo para amedrontar às mulheres.’ O grande pássaro bateu suas asas e subiu ao ar, deixando o corpo do rei e caindo sobre ela com bico e garras. Como um raio de luz abrasadora, uma espada pálida fria como o gelo se ergueu sobre sua cabeça.

Ela levantou seu escudo, e com um golpe rápido e repentino decepou a cabeça do pássaro. Ele caiu, suas vastas asas se abriram amassadas e indefesas na terra. Sobre Éowyn a luz do dia caía brilhante e clara. Com um grito de terror as hordas de Harad se viraram e fugiram, e sobre o solo uma coisa sem cabeça se rastejou para longe, grunhindo e sibilando, agarrando-se à sua capa. Rapidamente a capa preta também se deitou sem forma e imóvel, e um longo e agudo lamento encheu o ar e desapareceu à distância (Tolkien, 1990, p. 365).

Tolkien também se dedica a confirmar o empoderamento de Éowyn na batalha sob as muralhas de Gondor, admitindo (Tolkien, 1996, p. 242) que “o maior feito daquele dia foi aquele de Éowyn, filha de Éomund. Ela, por amor ao Rei, galopou em disfarce com os Rohirrim e esteve com ele em sua queda. Por sua mão o Capitão Negro, o Senhor dos Espectros do Anel, o Rei-Bruxo de Angmar, foi destruído”. Gandalf aborda posteriormente esse mesmo feito ao discutir o assunto com Éomer nas Casas de Cura:

‘Meu amigo, você tinha cavalos, e ação armada, e campos livres; mas ela, nascida com o corpo de uma donzela, tinha um espírito e uma coragem no mínimo à altura dos seus. Apesar disso, estava fadada a servir a um velho, a quem amava como a um pai, e a observá-lo cair numa senilidade desonrosa e miserável; seu papel lhe parecia mais ignóbil do que o do bastão no qual ele se apoiava’ (Tolkien, 2004, p. 867).

Essa retratação demonstra que as ações de Éowyn foram consideradas legítimas por seus pares. Ainda que fosse inesperado que uma mulher como ela viesse a desempenhar papel tão importante na derrota do Inimigo, sua atuação não é desvalorizada por qualquer dos personagens ao seu redor - mesmo que subestimada de início por alguns -, e, por isso, tampouco por Tolkien. Como se pode perceber, diversos contos mitológicos inspiraram o autor na construção do Legendarium (Donovan, 2015), e a performance de Éowyn revela a influência da mitologia nórdica no desenvolvimento da personagem na Guerra do Anel:

Tal como as Valquírias da mitologia nórdica, Éowyn desafia seu lugar tradicional de gênero e marcha para a

guerra; na Batalha dos Campos de Pelennor, Éowyn confronta e mata o Rei-Bruxo, o maior dos servos de Sauron, a quem nenhum homem pode enfrentar. ‘Homens, atirados da sela, jazem prostrados ao chão’ (International Baccalaureate Association, 2008, p. 7).

As Valquírias eram originalmente figuras femininas a serviço de Odin, que se dirigiam aos campos de batalha para eleger entre os guerreiros caídos aqueles que seriam dignos de adentrar Valhalla, o paraíso nórdico. Sua existência, em si, no cânone mítico representava uma subversão da masculinidade predominante atribuída à guerra, uma vez que incumbia a essas mulheres resolver o desfecho da batalha, e não ficar para trás e esperar para remediar os ferimentos dos homens sobreviventes. Essa inspiração, considerando o contexto em que os livros de Tolkien foram escritos, se alimenta de uma série de ocorrências do mundo real, e a Primeira Guerra Mundial fornece exemplos interessantes acerca de como as mulheres podem subverter os papéis que originalmente lhes são assinalados e conceber realidades que não eram socialmente planejadas (ou desejadas) num primeiro momento.

Talvez o mais famoso desses exemplos seja o de Dorothy Lawrence, uma jornalista britânica que se disfarçou como um soldado na esperança de produzir um relato mais verossímil da guerra. Após tentar um voluntariado no Destacamento de Atendimento Voluntário como servidora civil e ser rejeitada, ela foi à França e se tornou amiga de dois soldados, que ela convenceu a lhe dar roupas militares em segredo, as quais ela usou para se passar de homem e partir para as trincheiras.

Com medo de ser descoberta e prejudicar os homens que a ajudaram em sua empreitada, ela se entregou após dez dias de serviço no front, tendo sido feita prisioneira de guerra e proibida de escrever sobre suas experiências pelo governo britânico. Apenas depois de se mudar para Canonbury em 1919 é que ela pôde colocar suas palavras no papel, quando foi lançado um retrato completo de sua história, chamado de *Sapper Dorothy Lawrence: A Única Mulher Soldado Inglesa*.

Outra mulher a servir no front (desta vez legalmente) foi Flora Sandes, a única mulher a participar oficialmente do exército britânico na Primeira Guerra. Em 1914, ela deixou a Inglaterra e partiu para a Sérvia com o objetivo de trabalhar em unidades de enfermagem, mas em 1915, durante o Grande Recuo na Albânia, ela foi alistada como sargento e lutou

como soldado até ficar seriamente ferida por uma explosão de granada em 1916. Depois disso, foi promovida a sargento-major e recebeu a maior comenda sérvia, a Ordem da Estrela de Karađorđe's. Além disso, ela continuou a servir no exército como enfermeira até ser transferida à reserva em 1922. In addition, she continued to serve in the Army as a nurse until her demobilization in 1922. Sua história é geralmente associada à de Evelina Haverfield, que trabalhou com ela nas enfermarias e atuou a seu lado na criação do Fundo da Honorável Evelina Haverfield e da Sargento-Major Flora Sandes para a Promoção de Auxílio aos Soldados e Prisioneiros Sérvios.

A história de Elsie Inglis também é conhecida nos anais das ações femininas na Primeira Guerra. Nascida na Escócia e treinada como médica em Edimburgo e Glasgow, Inglis é amplamente conhecida pelo conselho que lhe foi dado ao tentar oferecer seus serviços ao Escritório de Guerra. Na ocasião, após lhe ser dito para “ir para casa e esperar” por um soldado desconhecido, ela fundou o Hospital das Mulheres Escocesas para o Serviço Estrangeiro (SWH), a primeira unidade de saúde inteiramente composta por mulheres a existir no período. Por causa de seus feitos extraordinários durante a guerra, ela foi considerada uma heroína de guerra na Sérvia, embora seu nome seja pouco lembrado em seu país natal.

As histórias dessas mulheres se entrelaçam com o conto de Éowyn no sentido de que todas elas se recusaram a aquiescer, a “ir para casa e esperar”, a servir como “donzelas da guerra” (Smith, 2015). Essas mulheres decidiram se levantar e lutar pelo que acreditavam, por seus países, por seus amores e por si mesmas, numa real demonstração de liberação e auto-empoderamento. E por força disso, suas histórias ajudam a mostrar que as mulheres têm um papel a cumprir para além de esperar e orar por proteção enquanto homens “mais importantes” calçam suas botas e montam em seus cavalos, aviões e tanques para rastejar por trincheiras lamacentas e guerrear contra o inimigo. A recusa dessas mulheres revela que a vitória na guerra também é feminina.

#### 4 ENTRELACEMENTOS ENTRE A ESTRADA, O CAMPO DE BATALHA E O ESPAÇO PRIVADO

William Harrison (2013) argumenta que a estrada e o campo de batalha são espaços generificados nos trabalhos de Tolkien. Para ele, esses lugares foram originalmente desenhados para os homens, uma vez que os personagens masculinos foram aqueles que franquearam as jornadas, que lutaram as batalhas e que ocuparam os palcos principais em que as histórias transitaram. Como debatido anteriormente, a escrita de *O Senhor dos Anéis* se parece exatamente assim, tendo em conta que personagens como Aragorn, Elrond, Frodo e Gandalf monopolizam a narrativa e conduzem o ritmo do enredo, salvo raras exceções, especialmente Éowyn e Galadriel, ambas mulheres fortes num contexto de sobreposição masculina.

Entretanto, as personagens femininas na história, por poucas que sejam, subvertem a lógica de masculinidade no *Legendarium*. Primeiro, porque os homens na história não necessariamente exprimem traços tradicionalmente masculinos. De fato, diversos momentos da história se voltam a homens expondo seus sentimentos, suas fraquezas e suas fragilidades, já que grande parte da própria trama se descortina em razão dos malogros desses mesmos homens<sup>15</sup>. Além disso, porque a resolução da Guerra do Anel só foi possível devido às ações diretas e indiretas de mulheres, haja vista a relevância do frasco de Galadriel contra Larcna e a destruição do Rei-Bruxo por Éowyn. Mesmo que os últimos passos para se chegar ao fim de Sauron tenham sido dados por homens, o valor das mulheres nessa conquista deve ser reconhecida, como afirma Elisabet Stenberg:

Sem deixar de lado a força evidente dos exércitos de Gondor, Rohan e dos Elfos, mas a espiritualidade, o amor e o sacrifício são exemplos de poder interior que auxiliam na libertação da Terra Média. Lúthien, Galadriel, Arwen e Éowyn são exemplos de como o sacrifício pessoal pelo bem de outrem é essencial para a salvação da Terra Média (Stenberg, 2012, p. 10).

Por essa razão, normas tradicionais de gênero associadas com a ordem espacial são, em certa medida, desmanteladas ao longo da Guerra

---

<sup>15</sup> A relação entre Frodo e Samwise, a história de Sméagol e a Perdição de Isildur são, talvez, os melhores exemplos para esse acontecimento.

do Anel, eis que personagens femininas têm êxito ao quebrar seus laços com o ambiente doméstico e desenvolvem um sentido de liberdade e independência em face dos homens que as rodeiam. As mulheres na obra de Tolkien, cada qual à sua maneira, conseguem romper com papéis masculinos e femininos convencionais e transcender a esfera privada para caminhar pela estrada e pisar no campo de batalha, como declara Harrison:

Originalmente, Éowyn foi concebida como uma flagrante quebradora de regras, uma mulher que podia entrar livremente no espaço da estrada como uma mulher. Tolkien não escreveu essa Éowyn. Em vez disso, ela adentra o espaço masculino da estrada e se torna uma aventureira por subterfúgio, se disfarçando como um homem. Essa tese argumenta que, fazendo isso intencionalmente ou não, Tolkien criou uma personagem que desconstrói a definição cultural da estrada como um espaço de liberdade masculina, se provando mais que capaz de se manter no mundo grande e de crescer a partir da experiência da estrada (Harrison, 2013, p. 18).

Stephanie Bogaert, abordando a discussão entre Aragorn e Éowyn, reafirma a posição de recusa e o sentido de independência que levou esta mulher a praticar suas futuras ações:

Éowyn rejeita explicitamente a noção patriarcal de ‘mulher do lar’. Ela recusa ser vista como uma mulher servil e indefesa tomando conta da casa enquanto os homens galopam para a batalha. Ao revés, ela expressa sua capacidade de se defender destemidamente. Além disso, a citação também guarda uma importante crítica feminista. Éowyn claramente contesta a centralidade dos homens na sociedade. Ademais, ela pontua a injustiça no fato de os homens poderem ganhar fama na batalha, ao passo que as mulheres são forçadas a cuidar da casa e recolher os cacos quando seus maridos morrem. Não bastasse, a segunda frase parece insinuar que com a morte de seu marido, a mulher não tem mais motivo para tomar conta da casa, tal como se a vida da mulher fosse centrada no lar e no esposo. Consequentemente, vemos como Éowyn critica essa dependência das mulheres em relação a seus maridos. Ela obviamente discorda desse pensamento patriarcal e advoga pelo direito das mulheres à independência e seu direito de lutar por seu país (Bogaert, 2015, p. 20).

No que se refere à guerra, as enunciações de Arwen e Éowyn refletem um movimento de liberação que pode ser enxergado numa variedade de cenários na conflagração do mundo real. A Grande Guerra, que teve lugar no início do século XX, reproduz um momento histórico de

referenciais sexistas, em que as mulheres estavam lutando constantemente por seus direitos e pelo reconhecimento da igualdade. Quando o conflito começou, os homens foram convocados para o campo de batalha, o que impôs às mulheres o dever subserviente de ficar em casa, cuidar dos filhos e obedecer regras morais severas de modo a preservar a si e a suas famílias. De modo geral, meramente se esperava das mulheres fidelidade a seus maridos e a seu país, sem interferência nos assuntos da guerra, que eram algo supostamente além de sua compreensão e, por conseguinte, fora dos limites.

Entretanto, ao invés de aceitar os papéis que lhes eram esperados, mulheres escolheram (e por vezes foram forçadas a isso devido à falta de alternativas) a seguir caminhos divergentes e até mesmo assumir posições geralmente ocupadas por homens. Elas começaram a trabalhar em fábricas, fazendas, lojas, na produção de armamento e até mesmo no front como enfermeiras e soldados, também criando unidades voluntárias, a despeito da oposição governamental e da discriminação social. Com a escassez de homens nos períodos mais avançados da guerra, especialmente após 1916, o governo britânico começou a empregar mulheres trabalhadoras, e ramos de contribuição feminina oficial para o Escritório da Guerra foram criados, tais como a Corporação do Exército Auxiliar de Mulheres e o Serviço Real Naval de Mulheres, ambos estabelecidos em 1917, e a Força Aérea Real de Mulheres, criada em 1918. Por mais inesperado que isso pudesse ser, mais de 200.000 mulheres estavam servindo seus países ao fim da guerra, como detalha Niamh Gallagher:

Novas oportunidades no mercado de trabalho foram criadas para as mulheres, uma vez que os governos enfrentavam dificuldades para liberar mais homens para o front, e no Reino Unido mais de 1 milhão de mulheres substituíram os homens no mercado entre 1914 e 1918. De maquinistas a condutoras de ônibus a carteiras e patrulheiras, as mulheres contribuíram para o esforço nacional na guerra. Não é surpresa que Millicent Fawcett, uma líder feminista, presidenta do Sindicato Nacional das Sociedades do Sufrágio Feminino (1897-1918) e co-fundadora do Newnham College, Cambridge, tenha declarado: “A guerra revolucionou a posição industrial das mulheres – ela as descobriu úteis e as libertou” (Gallagher, 2014).

Mesmo com o fim do conflito, o fluxo de mulheres transicionando entre o espaço público e o privado não se encerrou, uma vez que a superação dos padrões de gênero não era (e ainda não é, embora em níveis diferentes) algo que essas mesmas mulheres estavam dispostas a interromper. A morte de um número monstruoso de homens na guerra forçou as mulheres a assumir posições de chefia familiar, e a possibilidade de trabalhar, ganhar o próprio dinheiro (muito embora drasticamente sub-remuneradas em comparação com os homens) e ingressar no locus exclusivamente masculino a princípio consolidaram a determinação das mulheres em manter e proteger seu direito de escolha.

Pode-se dizer que a participação feminina na Primeira Guerra Mundial plantou sementes que se fundiram com um movimento emancipatório multissetorial que continua operando ainda hoje. Desde os esforços das sufragistas pelo direito ao voto, a luta por igualdade salarial e de tratamento no ambiente de trabalho e a batalha pelo reconhecimento de direitos fundamentais, as mulheres têm se recusado a permanecer caladas e lutado pelo direito de escolher e de declarar domínio inarredável sobre si mesmas.

A retratação da escolha de Arwen e da recusa de Éowyn por Tolkien revela uma verdade fundamental sobre o Legendarium: mesmo que talvez acidentalmente, como sugerido por William Harrison, Tolkien parte da premissa de que as mulheres são responsáveis por seus destinos, de que sua determinação é capaz de mudar o curso dos eventos e de que esse fenômeno influencia diretamente os desfechos da guerra e da vida. Tal como Arwen e Éowyn produziram efeitos essenciais (embora distintos na origem) na derrota de Sauron, as diversas contribuições femininas para os resultados da Guerra do Anel forneceram uma oportunidade para tensionar hierarquias sociais, questionando-as e dando margem à sua reconfiguração em disposições de gênero mais igualitárias.

Assim como no mundo real, as mulheres na obra de Tolkien estão constante e invariavelmente envidando esforços para se afastar do status quo e, a par de normas tradicionais de gênero (especialmente considerando o período fortemente patriarcal em que as histórias foram escritas e as origens cristãs do próprio Tolkien), suas ações colocam em dúvida as preconceções do lugar da mulher em sociedade.

Como defendido por James Boyd White (1982) e Robert Cover (2016), o fenômeno jurídico é uma cultura de argumentos, um produto de discursos conflitivos que narra mundos possíveis (Bourdieu, 1990) e produz regras baseadas em compromissos interpretativos que sustentam ou contestam aquilo que chamamos de *nomos*. Nesse contexto, as histórias de Arwen e Éowyn ajudam a ilustrar esforços históricos para desativar o dispositivo sexual (Foucault, 1988), uma vez que a negação de expectativas de gênero levou a mudanças profundas na narrativa de mulheres enquanto sujeitos políticos e nas normas jurídicas e sociais relativas ao lugar da mulher no lar e para além dele.

Portanto, e em que pesem as críticas relevantes sobre a ausência de personagens femininas na obra de Tolkien, o *Legendarium* não exprime necessariamente um sentido de soberania masculina. Pelo contrário, os escritos abordam uma história de homens e mulheres lutando pelo que acreditam, num cenário em que as mulheres produzem sua própria exegese dos papéis de gênero, seja pelo golpe da espada ou pela recusa em aceitar destinos predefinidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassa quantidade de material relacionado a Arwen nos livros de Tolkien, mesmo na série *A História da Terra-Média*, colocou um desafio para esta pesquisa. Além disso, e ainda que a escrita dos livros tenha ocorrido em meio à Grande Guerra, a influência de ações femininas na formulação das premissas de Tolkien sobre as mulheres em sua obra não era auto-evidente.

Tendo em vista esses obstáculos metodológicos, elegi analisar essas duas personagens a partir de sua própria apresentação, tracejando um padrão baseado na similaridade entre suas ações e o mundo real e interpretando como as narrativas de Arwen e Éowyn se entrelaçam com as histórias de mulheres reais no contexto da guerra. Embora as personagens tenham sido associadas a personalidades individuais, a intenção central deste trabalho é confrontar o simbolismo das ações dessas personagens ao desenvolvimento da posição feminina nos espaços públicos e privados na Grande Guerra. Ademais, busquei avançar na discussão sobre as

representações femininas na literatura, para o que o trabalho de Tolkien parece ser um ponto de partida adequado.

Como a revisão exploratória de literatura evidenciou, um número considerável de autoras e autores criticaram os livros de Tolkien e suas adaptações para o cinema devido à sub-representação, à idealização e à falta de profundidade nas personagens femininas. Por outro lado, um exame mais denso dos trabalhos de Tolkien indicou que as mulheres não apenas influenciaram os eventos narrados, mas foram decisivas na prevalência da raça dos Homens na Guerra do Anel.

De todo modo, as conclusões deste artigo não invalidam discussões prévias sobre a questão. Ao revisitar uma coleção mais ampla dos trabalhos de Tolkien, o objetivo principal foi prover uma visão mais sistemática do pensamento do autor acerca dessas personagens e viabilizar maneiras alternativas de interpretar papéis de gênero em *O Senhor dos Anéis*, levando em consideração o momento histórico da publicação dos livros.

Por essas razões, e a par de seu lugar aparentemente secundário no *Legendarium*, Arwen e Éowyn oferecem visões interessantes sobre a agência feminina na esfera pública. Penso que essa abordagem de suas histórias, ao permitir uma contra-história das personagens femininas em Tolkien, fortalece regularidades discursivas emancipatórias por meio da literatura ao densificar representações femininas em obras ficcionais, também contribuindo para esforços em prol da igualdade de gênero no interior das instituições, tais como o exército e o sistema de justiça, e na cena política como um todo.

### REFERÊNCIAS

AKERS-JORDAN, Cathy. Fairy Princess or Tragic Heroine? The Metamorphosis of Arwen Undómiel in Peter Jackson's *The Lord of the Rings* Films. In: CROFT, Janet Brennan (ed.). *Tolkien on Film: Essays on Peter Jackson's The Lord of the Rings*. Altadena, California: The Mythopoeic Press, 2004.

ANDREWS, Maggie; FELL, Alison; NOAKES, Lucy; PURVIS, June. Representing, Remembering and Rewriting Women's Histories of the First World War. *Women's History Review*, London, v. 27, n. 4, p. 511-515, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09612025.2017.1292618>.

ATHANASIOU, Athena; BUTLER, Judith. *Dispossession: The Performative in the Political*. Cambridge: Polity Press, 2013.

ATIENZA, Cristina Monereo. Narrativa e gênero: sobre desigualdade e justiça social em “Villette” de C. Brontë e “Insolación” de E. Pardo Bazán. *ANAMORPHOSIS – International Journal of Law and Literature*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 501-518, July/Dec. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.42.501-518>.

BENTES, Hilda Helena Soares. The “way of sorrows” for the female body: tales of violence in brazilian literature from the perspective of women human rights. *ANAMORPHOSIS – International Journal of Law and Literature*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 147-167, Jan./June 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.21.147-167>.

BOGAERT, Stephanie. *It’s a man’s world: An analysis of gender and sexuality in J.R.R. Tolkien’s The Lord of the Rings*. 2015. 72 f. Thesis (Master in Linguistics and Literature, English-German) – Ghent University, Faculty of Arts and Philosophy, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1990.

COVER, Robert M. *Nomos and narrative*. *ANAMORPHOSIS – International Journal of Law and Literature*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 187-268, July/Dec. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.22.187-268>.

CROFT, Janet Brennan. The Thread on Which Doom Hangs: Free Will, Disobedience and Eucatastrophe in Tolkien’s Middle-earth. *Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature*, East Lansing, California, v. 29, n. 1, p. 131-150, 2010. Available on: <https://dc.swosu.edu/mythlore/vol29/iss1/9/>. Access on: 27 Sept. 2019.

DONOVAN, Leslie A. The Valkyrie Reflex in J. R. R. Tolkien’s *The Lord of the Rings*: Galadriel, Shelob, Éowyn and Arwen. In: CROFT, Janet Brennan (ed.). *Perilous and Fair: Women in the Works and Life of J. R. R. Tolkien*. Altadena, California: Mythopoeic Press, 2015, Amazon Kindle edition.

ENRIGHT, Nancy. Tolkien’s females and the defining of power. In: CROFT, Janet Brennan (ed.). *Perilous and Fair: Women in the Works and Life of J. R. R. Tolkien*. Altadena, California: Mythopoeic Press, 2015, Amazon Kindle edition.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALLAGHER, Niamh. Female Tommies: The Frontline Women of the First World War, by Elisabeth Shipton. *Times Higher Education*, 21 Aug. 2014. Available on:

<https://www.timeshighereducation.com/books/female-tommies-the-frontline-women-of-the-first-world-war-by-elisabeth-shipton/2015210.article>. Access on: 27 Sept. 2019.

GREYZEL, Susan. Changing lives: gender expectations and roles during and after World War One. *British Library*, 29 Jan. 2014. Available on: <https://www.bl.uk/world-war-one/articles/changing-lives-gender-expectations>. Access on: 27 Sept. 2019.

HARRISON, William Henry. *Éowyn the Unintended: The Caged Feminine and Gendered Space in The Lord of the Rings*. 2013. 100 f. Thesis (Master of Arts) – The University of British Columbia, 2013.

INTERNATIONAL BACCALAUREATE ASSOCIATION. The Empowerment of the Feminine in JRR Tolkien's *The Lord of the Rings*. *50 Excellent Extended Essays*, 8 Aug. 2018. Available on: [https://universityhs.ocps.net/UserFiles/Servers/Server\\_82630/File/Academic%20and%20Curriculum/Programs/International%20Baccalaureate/Extended%20Essay/English\\_8.pdf](https://universityhs.ocps.net/UserFiles/Servers/Server_82630/File/Academic%20and%20Curriculum/Programs/International%20Baccalaureate/Extended%20Essay/English_8.pdf). Access on: 15 Aug. 2019.

ŁASZKIEWICZ, Weronika. J. R. R. Tolkien's portrayal of femininity and its transformations in subsequent adaptations. *Crossroads: A journal of English studies*, Białystok, Poland, v. 11, p. 15-28, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15290/cr.2015.11.4.02>.

LAWRENCE, Dorothy. *Sapper Dorothy Lawrence: The only English woman soldier, Late Royal Engineers 51<sup>st</sup> Division 179<sup>th</sup> Tunneling Company BEF*. London: Lane, 1919.

MILLER, John. The Hero and the Other: Alternative Masculinities and the 'Dominion of Men' in *The Lord of the Rings*. In: FENDLER, Susanne; HORSTMANN, Ulrike (ed.). *Images of Masculinity in Fantasy Fiction*. Lewiston, New York: Edwin Mellen Press, 2003.

NIELSSON, Joice Graciele; CASTRO, André Giovane de. Women emancipation and human rights in "Husband", by Lídia Jorge. *ANAMORPHOSIS – International Journal of Law and Literature*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 219-245, Jan./June 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.61.219-245>.

PANKHURST, Christabel. *Unshackled: The story of how we won the vote*. London: Hutchinson & Co., 1919.

PARTRIDGE, Brenda. No Sex Please – We're Hobbits: The Construction of Female Sexuality in *The Lord of the Rings*. In: GIDDINGS, Robert (ed.). *J.R.R. Tolkien: This Far Land*. London: Vision and Barnes & Noble, 1983.

RAWLS, Melanie. The Feminine Principle in Tolkien. In: CROFT, Janet Brennan (ed.). *Perilous and Fair: Women in the Works and Life of J. R. R. Tolkien*. Altadena, California: Mythopoeic Press, 2015, Amazon Kindle edition.

ROSÁRIO, Luana Paixão Dantas; OLIVEIRA, João Mateus Silva Fagundes. Aurelia Camargo: a female subject of law and language – the legal speech in the novel “Senhora”, by Jose de Alencar. *ANAMORPHOSIS – International Journal of Law and Literature*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 519-544, July/Dec. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21119/anamps.32.519-544>.

SHIPTON, Elisabeth. *Female Tommies: The Frontline Women of the First World War*. London: The History Press, 2014.

SHIPTON, Elisabeth. The role of women in the First World War. *The History Press*, [S.l.]. Available on: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/the-role-of-women-in-the-first-world-war/>. Access on: 30 Oct. 2019.

SMITH, Melissa. At Home and Abroad: Éowyn’s Two-fold Figuring as War Bride in *The Lord of the Rings*. In: CROFT, Janet Brennan (ed.). *Perilous and Fair: Women in the Works and Life of J. R. R. Tolkien*. Altadena, California: Mythopoeic Press, 2015.

STENBERG, Elisabet. ‘I am no man’: The Strength of Women in J.R.R. Tolkien’s Major Works. 2012. 23 f. B. A. Essay (Undergraduate degree in English) – Sigilum Universitatis Islandiae, Reykjavik, Iceland, 2012.

TOLKIEN, J. R. R. *Morgoth’s Ring*. London: HarperCollins; Boston: Houghton Mifflin, 1993. (Collection *The History of Middle-earth*, vol. 10)

TOLKIEN, J. R. R. On Fairy-Stories. In: TOLKIEN, J. R. R. *Essays Presented to Charles Williams*. London: Oxford University Press, 1947.

TOLKIEN, J. R. R. *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen & Unwin; Boston: Houghton Mifflin, 1981.

TOLKIEN, J. R. R. *The Lord of the Rings*. 50. ed. Boston: Houghton Mifflin, 2004.

TOLKIEN, J. R. R. *The Peoples of Middle-earth*. London: HarperCollins; Boston: Houghton Mifflin, 1996. (Collection *The History of Middle-earth*, vol. 12)

TOLKIEN, J. R. R. *The War of the Jewels*. London: HarperCollins; Boston: Houghton Mifflin, 1994. (Collection *The History of Middle-earth*, vol. 11)

TOLKIEN, J. R. R. *The War of the Ring*. London: Unwin Hyman; Boston: Houghton Mifflin, 1990. (Collection *The History of Middle-earth*, vol. 8)

WHITE, James Boyd. Law as Language: Reading Law and Reading Literature. *Texas Law Review*, Dallas, v. 60, n. 3, p. 415-446, mar. 1982.

**Idioma original: Inglês**

**Recebido: 06/10/20**

**Aceito: 18/03/21**